

# HOMOFOBIA, DOR, TRISTEZA E REJEIÇÃO SOB A ÓTICA DO FILME “ORAÇÕES PARA BOBBY – 2009”

HOMOPHOBIA, PAIN, SADNESS AND REJECTION FROM THE  
STANDPOINT OF THE FILM "PRAYERS FOR BOBBY - 2009"

Renan Antônio da Silva

Unitins, Unesp  
r.silva@unesp.br

**RESUMO:** Nos dias atuais, o acesso a produções cinematográficas, se popularizou intensamente, em virtude do uso massivo da televisão na maioria das residências deste país. As vídeo locadoras, os baixos custos de alguns filmes, os frequentadores de cinemas e os downloads, por exemplo, são algumas das formas de aquisição e recepção de um filme pelo espectador. A maternidade de filhos(as) homossexuais por mães heterossexuais, na realidade pós-moderna e na tradicional família nuclear modificou-se e hoje nos deparamos com vários arranjos familiares. Inspirado no filme Orações para Bobby (Prayers for Bobby, 2009), nosso objetivo foi desvelar os significados atribuídos por mães heterossexuais à homossexualidade de filhos(as), para construirmos sentidos e abrangê-los à comunidade em geral. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre assuntos pertinentes ao referido trabalho, como o preconceito, violência, homofobia, cinema e homossexualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema; maternidade; homofobia.

**ABSTRACT:** Nowadays, access to cinematographic productions, has become very popular, due to the massive use of television in most of the residences of this country. Video-rental companies, the low costs of some movies, moviegoers and downloads, for example, are some of the ways a viewer gets and receives a movie. The motherhood of homosexual children by heterosexual mothers, in the postmodern reality and in the traditional nuclear family has changed and today we are faced with various family arrangements. Inspired by the film Prayers for Bobby, our goal was to unveil the meanings attributed by heterosexual mothers to the homosexuality of children, to construct meanings and embrace them in the community at large. A bibliographical research was done on subjects pertinent to this work, such as prejudice, violence, homophobia, cinema and homosexuality.

**KEYWORDS:** Movie theater; maternity; homophobia.

## INTRODUÇÃO

“Eu jamais posso deixar alguém descobrir que não sou heterossexual. Seria tão humilhante. Meus amigos me odiariam. Eles até poderiam querer me bater. E a minha família? Eu os ouvi. Disseram que odeiam gays, e até Deus odeia gays também. Gays são maus, e Deus manda garotos maus para o inferno. **Fico realmente assustado quando eles falam de mim.**” (Bobby Griffity, Orações para Bobby: 2009)

Segundo Silva (2016) violência pode remeter também ao conceito de um comportamento que causa intencionalmente dano ou intimidação moral a outra pessoa ou ser vivo, sendo que este comportamento pode invadir a autonomia (espaço), integridade física ou psicológica e até mesmo a vida de outro. Segundo

Durozoi; Roussel (1993:485), “[...] ato que se exerce com força contra um obstáculo; comportamento de uma pessoa contra outra que ela considera como um obstáculo à realização de seu desejo”. A questão da violência abrange todos os atos de violação dos direitos: civis (liberdade, privacidade, proteção igualitária); sociais (saúde, educação, segurança, habitação); econômicos (emprego e salário); culturais (manifestação da própria cultura) e políticos (participação política, voto).

Para Lorenz (1973), na espécie humana, o vertiginoso desenvolvimento da tecnologia, especialmente, em relação à invenção das armas de fogo, cada vez mais letais, acarretou um desequilíbrio entre forças de instigação e de inibição da agressão, levando o *homo sapiens* a ser a espécie que mais pratica agressão intraespecífica, caminhando para um possível holocausto. A violência nega a consciência e o próprio poder do pensamento.

Exerce o poder da violência quem tortura, fere ou mata; quem, não obstante a resistência, imobiliza ou manipula o corpo do outro; quem impede materialmente o outro de cumprir determinada ação. Geralmente a ação violenta é exercida contra a vontade da vítima; como exceções, podem-se citar o suicídio, os atos de violência provocados pela vítima com finalidade propagandística, como os monges budistas que se autoimolavam, durante a Guerra do Vietnã, na década de 1960.

Uma das formas de violência é a homofobia. Ancorado em Borrillo (2001), homofobia é entendida como um ato de medo ou receio, direcionado para aqueles que adotam costumes de vida que não condizem com os padrões sexuais da sociedade ocidental hegemônica (heteronormatividade), e está ligada a pensamentos arraigados durante a convivência familiar, social e religiosa. Tais sentimentos empregados contra os homossexuais geram a homofobia e estão presentes em uma série de ações que são reforçadas no cotidiano da vida social, vivenciadas diversas vezes em telejornais diários, onde são mostrados casos de muitos homossexuais que sofrem agressões físicas, sexuais e psicológicas.

Numa acepção etimológica da palavra, “hetero” que em Grego quer dizer “diferente” e “norma” que em Latim quer dizer “esquadro”, constituem a formação da palavra heteronormatividade, ou seja, um conjunto de ações, relações e situações praticadas entre pessoas de sexos opostos. Assim, toda uma gama de

sexo, sexualidade e identidade de gênero deveriam se enquadrar dentro dos moldes da heteronormatividade, sendo esta a única orientação sexual considerada “normal”. A grande discussão em torno dessa palavra é a limitação que ela impõe aos LGBTTTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transex), uma vez que no seio de sua origem há uma gama de proibições que acabam dando origem a discriminações, preconceitos e, conseqüentemente homofobia.

Para Girard (1990), a violência é algo inexorável e inerente à interação humana e, em não podendo ser evitada, precisa ser canalizada, desviada para outros fins e objetos. É com esse sentido que pode se interpretar a história da humanidade como o percurso dos ritos sacrificiais e das suas vítimas expiatórias. O apaziguamento da comunidade sempre foi procurado através da descarga, como catarse da “violência de todos contra todos”, propiciada pelo ritual da “violência de todos contra um”. É recorrente, na história dos grupos humanos, a eleição ou constituição de “bodes expiatórios” que representariam essa tentativa catártica e domesticatória.

Dessa forma, os homossexuais, bodes expiatórios diante da definição de homofobia sofrem em função de suas orientações sexuais. Dessa maneira, a homofobia é construída e mantida por processos sociais que englobam a forma através da qual a própria sociedade é organizada, como, por exemplo, os estereótipos que constroem certos padrões de masculinidade e feminilidade, bem como a heterossexualidade hegemônica, impetrada na cultura como um todo, como por exemplo, o brinquedo em que um garoto pode brincar e uma garota não, e vice-versa.

O (a) agressor (a) é chamado (a) de homofóbico (a), sendo que em muitos casos, trata suas “vítimas” (homossexuais) com calúnias, insultos verbais, gestos, ou com um convívio social baseado na antipatia e na ironia.

Ao tratar a unidade do gênero humano, Arendt (1973) nos mostra que não existe uma “natureza humana”, mas uma condição humana, cujos ingredientes principais são a pluralidade, a diversidade e a singularidade da natalidade (cada ser humano deve ser introduzido num mundo preexistente, com o qual manterá uma relação privilegiada e ao qual, com sua presença, trará a possibilidade do novo, da aceitação, do respeito as diferenças).

Para Junqueira (2007), em uma sociedade como a nossa, o racismo existe camuflado, assim como o preconceito contra homossexuais, bissexuais e transgêneros (o termo refere-se à condição cuja expressão de gênero não corresponde ao papel social atribuído ao gênero designado para elas no nascimento. Mais recentemente o termo também tem sido utilizado para definir pessoas que estão constantemente em trânsito entre um gênero e outro. O prefixo trans significa "além de", "através de"). Mesmo sem deixar de ter suas sutilezas, comumente encontra manifestação ostensiva e insistente, e seus mecanismos discriminatórios operam às claras sob o poder de instituições (mídia e grupos religiosos) e opinião pública.

Dando mais ênfase a essa definição, e pensando principalmente nas relações estabelecidas no núcleo familiar, Schulman (2009) demonstra como a violência contra os homossexuais é visível em todas as esferas da sociedade e aponta para o quão traumático é esse processo para o desenvolvimento da vida do indivíduo que sofre com tais acontecimentos "agressivos". Traumas que desde a infância são introjetados, difíceis de serem anulados ou esquecidos, onde o núcleo familiar, composto pelos pais e irmãos, muitas vezes não aceitam a orientação sexual do (a) filho (a) e o deixa a mercê da sociedade, os agredindo e até mesmo expulsando - o de suas casas. A orientação sexual de uma pessoa indica por quais gêneros ela sente-se atraída, seja física, romântica e/ou emocionalmente. Ela pode ser assexual (nenhuma atração sexual), bissexual (atração pelos gêneros masculino e feminino), heterossexual (atração pelo gênero oposto), homossexual (atração pelo mesmo gênero) ou pansexual (atração independente do gênero). Muitas vezes se lê "opção sexual", onde diversos pesquisadores questionam tal fala, pois a homossexualidade não pode ser tratada como um ato de escolha (ser ou não ser homossexual).

A agressividade é considerada por Moser (2005), "[...] uma disposição permanente a comprometer-se em condutas de agressão reais ou fantasmáticas; podendo se distinguir dois aspectos: uma agressividade maligna e destrutiva; outra de natureza benigna, em que a combatividade se expressa pela competição e criatividade". Agressão refere-se ao ato de lesar um indivíduo de sua própria espécie em um ato intencional.

As formas de agressão podem ser muito diversas e abarcam reações diretas e indiretas, ativas ou passivas, motoras ou verbais destinadas a prejudicar o outro. Ao se levar em conta a intenção do sujeito, permite-se distinguir a agressão hostil da agressão instrumental, que consiste em utilizar um poder coercitivo para alcançar uma meta distinta daquela de prejudicar a vítima, por exemplo, por antecipação de uma recompensa.

No pensamento sobre as lutas pelos direitos humanos, nota-se que cada época interferia em tais questionamentos, pois em cada momento histórico alguma reivindicação foi feita, em prol de melhorias ou até mesmo de mudanças, porém, em muitos casos, em vários momentos da história, aquele que detinha o poder abusava de sua autoridade violando os direitos de outros.

Sabemos que existem muitas desigualdades no uso do poder público e até mesmo jogo político quando falamos em “formação de grupos” que supostamente representam minorias sociais. As pressões surgidas de diferentes segmentos sociais conseguiram uma construção desigual, em termos de aquisições: uma vez um grupo alcançando direitos ou “privilégios” (aspecto religioso, social e político), ora outro, e, assim, são elaboradas as normas da conduta humana, que perpassam pela questão do ser social.

## **ORAÇÕES PARA BBY E O CINEMA: MATERNIDADE E A NÃO ACEITAÇÃO**

Ele queria ser escritor. Suas esperanças e seus sonhos não deveriam ser tomados dele, mas se foram. Há crianças como Bobby presentes nas suas reuniões. **Sem que vocês saibam, elas estarão ouvindo enquanto vocês ecoam ‘amém’.** E isso logo silenciará as preces delas. Suas preces para Deus por entendimento e aceitação e pelo amor de vocês. Mas o seu ódio e medo e ignorância da palavra ‘gay’ silenciarão essas preces. Então... Antes de ecoar ‘Amém’ na sua casa e no lugar de adoração, pensem. Pensem e lembrem-se. Uma criança está ouvindo.” (Mary Griffith)

O protagonista do filme Orações para Bobby, retratado no drama de um jovem rapaz que vive um dilema existencial em função da sua orientação sexual. Filho caçula de uma família conservadora, Bobby Graffiti vê-se pressionado, perseguido e maltratado por membros da própria família quando revela que é gay. O caso dele reflete a realidade de milhões de jovens que são

confrontados por sua condição sexual pela sociedade geral. O filme *Orações Para Bobby* narra a história real de Mary Griffith, vivida por Sigourney Weaver. A mãe presbiteriana que se arrepende de tentar curar o filho homossexual que se mata depois de não aguentar tamanha pressão. O filme estreou na TV americana em 2009, na noite anterior ao Oscar e mudou paradigmas. A história se passou nos anos 80 em Walnut Creek, Califórnia, próximo a São Francisco. Em 27 de agosto de 1983, Bobby Griffith tirou sua vida ao pular de um viaduto sobre uma autoestrada, aos 20 anos, em Portland, Oregon para onde se mudou. O filme e o livro são bem fiéis a história real. Por quase quatro anos ele sofreu pressão de sua família para deixar sua homossexualidade. Sua mãe, extremamente religiosa, não admitia a homossexualidade do filho, ao qual denominava de doença, ou aberração, e contra qual usava a Bíblia para respaldar seus preconceitos (infelizmente temos isso até hoje, em um tempo de negações de direitos). A estrutura e a dinâmica de relacionamento familiar têm sofrido alterações ao longo da história (Crepaldi Andreani, Hammes, Ristof; Abreu, 2006; Ponciano, 2003). Temos então a configuração familiar e suas funções são tecidas em contextos históricos e sociais distintos, mas não podemos negar que mesmo com tantas mudanças, a homossexualidade ainda é um “tabu” perante alguns núcleos familiares, que aceitam muito bem os homossexuais, mas, fora de suas casas (sem grau de parentesco).

A família continua sendo o alicerce de qualquer pessoa que tenta viver uma vida digna, sendo assim o homossexual também deve contar com a família para ter dignidade num mundo ainda preconceituoso, e que pode muitas vezes não aceitar o homossexual se esquecendo do ser humano que existe dentro dele.

Por um lado, segundo Lopes (2006) falar em arte de mulheres (mães que não aceitam um/a filho/a homossexual) e arte gay aparecia como um esforço militante de fazer falar na história do cinema e na atualidade sujeitos silenciados, o que foi logo articulado a um processo de segmentação do mercado, na criação de festivais e mostras pelo mundo afora, mas que adotará estratégias mais recentes de politizar mesmo as relações entre identidade e consumo. Por outro lado, o interesse pelo espectador iria realizar uma primeira desconstrução do paradigma hollywoodiano do olhar masculino/objeto feminino. Ou seja, com



exceção do melodrama, os gêneros cinematográficos eram feitos em grande medida para um público masculino ou para quem se colocava na sua posição. A glamorização do personagem feminino o prendia sempre como um objeto de desejo e de contemplação.

Segundo Gois (2004), a partir da década de 1990, começou-se a perceber uma alteração significativa neste quadro, visível na maior diversificação temática e metodológica das reflexões sobre a homossexualidade. Foi um momento de esforço na instituição de um novo cânone, a partir do qual questões tradicionais passariam a ser reexaminadas e novas indagações levantadas. Mas mesmo assim, podemos observar que o papel maternal visto no filme “Orações para Bobby”, não se diferencia da realidade em nosso país ou em outras localidades, que pensam na: revelação da homossexualidade do(a) filho(a); revelação à família e convivência com a homossexualidade do(a) filho(a); relacionamentos familiares; horizonte de silêncio; expectativas maternais em relação ao projeto de vida do(a) filho(a). O que diferencia os significados que desvelam essa dor é o modo como as mães conseguem assimilar a vivência da homossexualidade dos filhos em sua temporalidade e conviver com ela. Caso isso não aconteça, “muitos sairão do armário e se esconderão nas telas dos cinemas, pois conviver com o imaginário é mais fácil do que sofrer com a realidade homofóbica”.

## CONCLUSÃO

Seguindo o exemplo do filme “Orações para Bobby”, tentar acolher o(a) filho(a) mesmo sem compreender, demonstrara grande preocupação com violência e preconceito que o/a mesmo sofrerá. Sentir a vivência como um choque, com culpa, angústia, revolta, dificuldade, desentendimento, muitas vezes não aceitando, muitas vezes lutando para compreender o(a) filho(a) independentemente de sua sexualidade, é conviver bem com a homossexualidade fora das telas cinematográficas, ainda que através do velamento, das dúvidas, da curiosidade e, por isso, a dificuldade em assimilar a vivência. A pesquisa nos permitiu concluir que o fenômeno estudado envolve uma multiplicidade de fatores e o contato com as mães heterossexuais de filhos/as, levando em conta, Mary Griffith, mãe de Bobby, abriu novas perspectivas de compreensão e ressignificação da vivência, ao revelar o que os

mesmos atribuíram à maternidade, permitindo desconstruir tabus, mitos, preconceitos e estigmas.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **Crisis da República**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BORRILLO, D. **Homofobia**. Espanha: Bellaterra, 2001.

CREPALDI, M. A., Andreani, G., Hammes, P. S., Ristof, C. D., & Abreu, S. R. (2006). **A participação do pai nos cuidados da criança: segundo a concepção de mães**. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 579–587. doi:10.1590/S1413-73722006000300014

CUNHA, A.G. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira Da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

DUROZOI, G.; ROUSSEL, A. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Papirus, 1993.

GÓIS, João B. H. **Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil**. In: LOPES, Denilson [et al](org.). *Imagem & diversidade sexual*. Estudos da homocultura. São Paulo: Nojosa Edições, 2004.

JUNQUEIRA, R. D. **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Secad/MEC, 2009.

LOPES, Denilson. Cinema e gênero. MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papirus, p. 379-393, 2006

LORENZ, K. **A agressão: Uma história natural do mal**. São Paulo: Moraes, 1973.

MOSER, P. **A teoria do conhecimento: uma introdução temática**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SCHULMAN, S. **Ties that Bind: Familial Homophobia and its Consequences**. New York: The New, 2009.

DA SILVA, Renan Antônio; DA SILVA, Marilda. **Incluir excluindo ou excluir incluindo: escola destinada ao público gay e o processo (tentativa) de inclusão social**. *EDUCA-Revista Multidisciplinar em Educação*, v. 3, n. 5, p. 26-43, 2016.

Recebido em 11 de novembro de 2018.

Aceito em 22 de novembro de 2018.